

2º DOMINGO APÓS EPIFANIA

19 DE JANEIRO DE 2025

JOÃO 2.1-11

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Estamos na Epifania! *A Manifestação do Nosso Senhor* continua sendo motivo de celebração para a Igreja Cristã. Este período, ainda que não esteja relacionado a um único evento específico, é marcado pela certeza de quem é aquele que comemoramos no Natal. Na Epifania, somos conduzidos pelas manifestações de Jesus ao mundo e pelo reconhecimento de sua identidade como o verdadeiro Deus.

O nascimento de Jesus não teria nenhum sentido para nós se não estivéssemos convencidos, por ele mesmo, de que ele é Deus em carne e osso. A Epifania, portanto, traz a prova que o homem Jesus é, de fato, o Deus encarnado.

O Evangelista João nos ajuda nesta compreensão. No prólogo do seu Evangelho, ele conecta admiravelmente a Festa do Natal à Festa da Epifania ao declarar: “*O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade [Natal], e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai [Epifania]*” (1.14)

Jesus prova sua divindade à humanidade por meio de seus sinais e prodígios. Todavia, toda a sua vida é uma epifania, uma manifestação de si mesmo como Deus perante o mundo.

Estamos no 2º Domingo após a Epifania, o Evangelho de João é uma excelente escolha para este momento no Ano da Igreja. Embora João não mencione diretamente o evento, Jesus já havia sido aclamado pelo Pai como o "Filho Amado" em seu batismo, marco que deu início ao seu ministério entre as pessoas. No entanto, João nos conduz à primeira manifestação pública de Jesus: o milagre nas bodas em Caná.

2. TEXTOS BÍBLICOS DO DOMINGO

A manifestação do poder e da glória de Deus é um tema que perpassa os quatro textos do dia.

O Salmo 128 é uma extensão concreta da manifestação do poder e da misericórdia de Deus. Deus se manifesta através das bênçãos cotidianas concedidas àqueles que o temem e, aqui, especificamente através da união matrimonial. Sendo assim, há uma promessa para o lar, para a casa que crê, que teme ao Senhor. Essa manifestação do Senhor gera abundância e é comparada à videira frutífera e rebentos de uma oliveira. Os que temem ao Senhor serão abençoados e bem-aventurados. **Assim, o salmista mostra que a glória de Deus não está distante ou inacessível; ela é experimentada no dia a dia daquele que teme.**

Em Isaías 62.1-5 a manifestação da glória de Deus está atrelada à restauração de Israel. As nações verão a justiça de Israel, e os reis contemplarão a sua glória. A transformação de Israel, de uma terra abandonada para uma coroa de glória nas mãos do Senhor (v. 3), reflete a ação poderosa de Deus em restaurar seu povo para uma posição de honra. Essa restauração é como um casamento, **em que Deus, como o noivo, se alegra com a sua noiva (v. 5). A glória de Deus aqui é vista como relacional: ela brilha quando ele redime, restaura e honra seu povo, cumprindo suas promessas.**

Em 1 Coríntios 12.1-11 a manifestação da glória de Deus ocorre por meio dos **dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo**. Paulo enfatiza que essas manifestações não são para exaltação pessoal - para nossa manifestação, mas para que apontem para Cristo. Estes são dados para um fim proveitoso, para crescimento e edificação da igreja e para glorificação de Jesus.

E, por fim, em João 2.1-11, temos explicitamente a manifestação da glória de Deus através do Homem-Deus, Jesus Cristo. O v. 11 afirma: *“Assim, em Caná da Galileia, Jesus deu início a seus sinais. **Ele manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.**”* O milagre nas Bodas de Caná não foi apenas um ato para suprimir a falta de vinho, mas **uma revelação divina de Jesus para que as pessoas (os discípulos) viessem a crer nele**. Essa transformação da água em vinho aponta para o poder criador de Deus, que é capaz de intervir na criação e na vida humana. Esse sinal inicial é uma proclamação de que Jesus é o Messias; aquele que celebramos no Natal.

3. ANÁLISE DO TEXTO DE JOÃO 2.1-11

3.1 O QUE DIZ O TEXTO

João 2.1-11 narra o milagre de Jesus nas bodas de Caná, onde ele transforma água em vinho. Esse é o primeiro sinal registrado no evangelho de João e aponta para a glória de Cristo, conduzindo seus discípulos a crerem nele. Jesus, sua mãe e os discípulos estão presentes na festa de casamento. O vinho acaba, e Maria informa Jesus sobre a situação. Jesus responde que "ainda não é chegada a sua hora". Mas mesmo assim, Maria diz aos serventes para obedecerem ao que Jesus ordenar. Jesus instrui que encham seis talhas de pedra com água (usadas para a purificação dos judeus). A água é transformada em vinho da melhor qualidade, surpreendendo o mestre-sala e os convidados.

3.2 CONTEXTO LITERÁRIO

João 2.1-11 situa-se ainda no início do Evangelho de João. Diferente dos evangelhos sinóticos, João não apresenta os acontecimentos iniciais da vida de Jesus. Em vez disso, concentra-se na divindade do mesmo (1.1-18). Embora este seja um ponto importante, não nos deteremos nele hoje.

Jesus aparece após o testemunho de João Batista, quando os judeus enviaram sacerdotes e levitas de Jerusalém para perguntar quem João era (1.19). O Evangelista João afirma que **no dia seguinte**, após este ocorrido, é que Jesus é visto por João e apontado como **o Cordeiro que tira o pecado do mundo** (1.29).

No dia seguinte, João estava outra vez na companhia de dois dos seus discípulos, e vendo Jesus passar, proclamou: **eis o Cordeiro de Deus!** (1.35). Esses dois discípulos, então, seguiram a Jesus (1.37). André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois (1.39); e este levou também o seu irmão a Jesus (1.42).

No outro dia, Jesus resolveu ir para a Galileia, onde encontrou Filipe, de Betsaida, e o chamou para segui-lo (1.43). Filipe, por sua vez, encontrou seu irmão Natanael e anunciou que havia encontrado o mestre, no qual, depois o seguiu (1.49).

Três dias depois (2.1), esses discípulos foram os que estavam com Jesus nas Bodas em Caná da Galileia, conforme relatado em João 2.2. Este foi o contexto para o primeiro milagre realizado por Jesus, transformando água em vinho.

Após o ocorrido, Jesus foi para Cafarnaum, acompanhado por sua mãe e seus discípulos (2.12).

3.3 CONTEXTO HISTÓRICO

A compreensão de alguns elementos culturais e históricos presentes em João 2.1-11, como casamento, vinho e sinais, é essencial para captar a profundidade do relato.

O **casamento** é uma instituição divina e igualmente um grande acontecimento na vida de um casal e na vida social das famílias envolvidas. No período do Novo Testamento, isso não era diferente. Os festejos matrimoniais frequentemente se estendiam por vários dias, reunindo muitos convidados. Embora a maioria permanecesse apenas no dia principal, o casamento, em si, era um marco significativo para a comunidade.

O **vinho** desempenhava um papel central nas celebrações, sendo símbolo de alegria e felicidade. Era a bebida predominante na época - nas festividades do primeiro século. No entanto, deixar o **vinho** acabar em uma celebração de casamento, por exemplo, era socialmente embaraçoso e motivo de piada. O anfitrião era responsável por fornecer aos seus hóspedes a quantidade adequada de vinho, mesmo que a festa durava muitos dias.

No Novo Testamento, σημεῖον (*semêion* - [**sinais**]) é usado para denotar um sinal ou milagre que serve como uma indicação ou atestado divino. Frequentemente se refere a eventos milagrosos que significam a intervenção de Deus ou autenticam seus mensageiros. Esses sinais não são meramente maravilhas, mas carregam um significado espiritual mais profundo, apontando para a verdade da mensagem de Deus e a autoridade de Jesus Cristo. No mundo greco-romano, sinais e maravilhas eram frequentemente associados à atividade divina ou sobrenatural. Na cultura judaica, sinais eram esperados como evidência da presença e ação de Deus, especialmente no contexto de expectativas messiânicas. O uso de σημεῖον no Novo Testamento se alinha

com esses entendimentos culturais, enfatizando o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e a validação do ministério de Jesus.

3.4 ESTUDO EXEGÉTICO

O relato das Bodas em Caná da Galileia apresenta o primeiro milagre (“sinal”) de Jesus em seu ministério público. Como verdadeiro Homem-Deus, Jesus evidencia nesta ação seu onipotente poder e amor para com aqueles presentes e seus discípulos.

João parece não querer informar o dia preciso em que Jesus realiza o milagre em Caná da Galileia. Pode ser que isso não seja importante. O tempo usado para descrever a sequência dos eventos por João parece mais seguir uma lógica da criação em Gênesis¹.

O casamento em si não é o foco da perícopa, especialmente no tempo da Epifania. Mas está dentro do contexto. Este casamento aconteceu em Caná. Caná era uma vila que ficava no caminho para o Mar da Galileia, uns poucos quilômetros mais ao nordeste de Nazaré. Caná (Κανά) não é mencionada nos Evangelhos Sinópticos.

Ao contrário dos Sinópticos, o Evangelho de João nunca menciona o nome propriamente da mãe de Jesus. E, ser referida apenas por “mãe de Jesus” (Jo 2.1,3) não tem nada especial. O anonimato, na verdade, especificamente aqui, pode estar ligado ao fato de que a comunidade conhecia o seu nome (Maria).

João diz que *a mãe de Jesus estava “lá”* (ἐκεῖ) - no casamento. Maria é colocada em cena e, esse fato, nos leva a entender que existia uma relação de amizade ou de relação parental de Maria com a família anfitriã.

O versículo 2 em grego apresenta dois sujeitos, e João por sua vez, destaca um dos sujeitos em detrimento do outro. Isso é importante! O verbo colocado no singular e o primeiro sujeito mencionado é o que deve ser enfatizado: “Jesus [ὁ Ἰησοῦς] foi convidado [ἐκλήθη]”. Os discípulos, neste caso, mencionados posteriormente, aparentemente, estavam apenas acompanhando Jesus. No entanto, Weinrich destaca que eles não estão ali acidentalmente. Como podemos ver em João 2.11: “os seus discípulos creram nele”.

¹ Em 2.1, por exemplo, João começa a contar iniciando no 4º dia. Assim, “três dias depois” ou literalmente “no terceiro dia” perfazem um total de seis dias. Ao término destes seis outro tema de Gênesis está presente: a bênção do casamento (cf. Gn 1.28; 2.18-25).

Em 2.3 o genitivo absoluto (καὶ ὑστερήσαντος οἴνου - e tendo acabado o vinho) expressa um sentido **causal**, isto é, *pelo fato de ter* faltado vinho, Maria **foi falar** com Jesus. A falta de vinho (οἶνον οὐκ ἔχουσιν), portanto, é o início do diálogo entre Maria e Jesus. Maria expressa para Jesus o problema.

Jesus dirige-se à sua mãe como “mulher”. Embora para os presentes dias possa parecer grosso da parte de Jesus, esse discurso não era duro, muito menos hostil; no entanto, também não era uma expressão de carinho. Ao pé da cruz (Jo 19.26) Jesus dirige a sua mãe também como “mulher”. Em outras partes João relata Jesus fazendo o mesmo com outras mulheres; a samaritana (Jo 4.21) e para Maria Madalena (Jo 20.15; cf. Mt 15.28; Lc 13.12; Jo 8.10; 20.13). Embora seja simplesmente a maneira de agir para com estas mulheres, γύναι (mulher) é estranho para com sua mãe. Tem um carácter fortemente formal.

O verbo ἦκω (veio, chegou, está presente), em 2.4, embora no presente, tem significado de perfeito e a sua conjugação tem formas do perfeito. O advérbio temporal οὐπω (ainda não) nos ajuda no entendimento de que aqui Jesus está afirmando que a sua “hora” ainda não chegou (ἦκω); **isso indica que ela chegará num momento futuro.**

O versículo quatro apresenta uma palavra importante para a interpretação deste texto, inclusive para este período que antecede a paixão e morte. É a primeira vez que ὥρα, “hora”, aparece no sentido teológico profundo que o evangelista lhe dá. João atribui este termo a hora do sofrimento e da morte de Jesus (Jo 7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 17,1; também καίρος em Jo 7,6.8). Assim, o “ainda não” (οὐπω) encontra o seu “agora” no início da paixão.

A menção de “servos” e “jarros de pedra” sugerem que a família anfitriã possuía algum poder aquisitivo. A mãe de Jesus manda estes, os servos, obedecerem a Jesus, isto é, fazer o que ele assim pedir.

Os “jarros de pedra” eram grandes recipientes e especialmente **desejáveis**, principalmente, quando usados para fins de purificação. Diferente dos jarros de barro que precisavam ser quebrados, estes não se tornavam ritualmente impuros quando entravam em contato com objetos impuros. O fato de a casa ter “jarros de água” (υδρία) de pedra sugere que os anfitriões possuíam alguma riqueza.

Os “jarros de pedra” possuíam uma capacidade de armazenamento de aproximadamente 80 a 120 litros. Assim, a quantidade total dos seis jarros seria de

aproximadamente 480 a 720 litros. Essa quantidade, por exemplo, era o suficiente para cobrir uma pessoa de água como assim exigido para os rituais de purificação. Este seria o mínimo para um banho ritual de imersão. Os que vinham do mercado deveriam mergulhar as mãos antes de comer em pelo menos 480 litros de água de nascente, rio ou chuva.

Os “jarros de pedra” estavam vazios. Jesus manda os serventes encherem de água. ἕως ἄνω indica que os serventes **encheram os jarros “até o topo”**, de modo que nenhuma outra adição de água era possível.

ἀντλέω significa tirar (água) de uma fonte ou poço. O uso ἀντλέω para tirar vinho, embora incomum, pode sinalizar que o evangelista tinha em mente o encontro de Jesus e a mulher samaritana (Jo 4). O que aqui, em Jo 2, é simbolizado pelo vinho, em Jo 4.10 é indicado pela “água viva”.

O mestre-sala é mais uma referência de que a família anfitriã não era pobre e que a casa talvez fosse mesmo espaçosa para tal cerimônia.

O acusativo (γεγενημένον) em 2.9 junto com os acusativos que lhe antecedem, enfatiza que *a água tinha se tornado vinho*. O Evangelista João não nos dá pormenores sobre o milagre em si. Não há nenhuma palavra proferida por Jesus. No entanto, uma coisa é interessante observar em um contexto maior: Jesus é a Palavra Criadora (Jo 1.1, 14). Ele é o enviado que “fala e tudo se faz”.

A água transformada em vinho é desconhecida pelo mestre-sala. O advérbio πόθεν, “de onde”, é usado para indagar sobre a origem ou fonte de algo, neste caso, o vinho. Embora o mestre-sala não tivesse conhecimento do milagre de Jesus, os servos eram conhecedores do mesmo (δέ, “mas”).

Jesus fez (ἐποίησεν) isto (ταύτην), a saber, o milagre, como o início, o começo (ἀρχήν) dos seus sinais.

João usa **σημεῖον**, “sinal” (correspondente ao hebraico, em vez de δύναμις, “ato poderoso”, ou τέρας, “maravilha”, “milagre”). No contexto bíblico, um “sinal” é algo visível que identifica algo ou alguém, por exemplo, Caim (Gn 4.15) ou a circuncisão (Gn 17.11). Assim, “sinal” é um termo de revelação e refere-se a acontecimentos perceptíveis que dão a conhecer a presença de Deus. Ou melhor, “sinal” identifica o Deus de Israel como aquele que o sinal torna visível (Êx 4.1-9.17). Um “sinal”, portanto, não se limita a demonstrar um poder que pretende suscitar admiração e espanto. Um

“sinal” confronta o homem com a presença de Deus de tal forma que exige fé e obediência. No Evangelho de João, σημεῖον ocorre 17 vezes. Em todos os casos, “sinal” refere-se a atos de Jesus.

Assim, diz João que, Jesus ἐφάνηρῳσεν (revelou, manifestou, tornou visível) a sua natureza divina. O verbo φανερώω inclui a ideia de ver com os olhos.

O substantivo δόξα, “glória”, também é uma palavra de revelação e refere-se a uma manifestação visível da majestade divina em atos de poder. Jesus é o sujeito dos dois primeiros verbos em Jo 2.11, ἐποίησεν, “fez”, e ἐφάνηρῳσεν, “manifestou”, indicando que o que ele fez foi ao mesmo tempo a manifestação da sua glória. A transformação da água em vinho evidenciou o poder criador e divino de Jesus, revelando a sua glória de forma única. Essa manifestação é um atributo exclusivo de Deus, que tem o direito soberano de tornar conhecida a sua majestade.

Em João, o Pai é o objeto de crença em apenas dois casos. Em todos os outros, o objeto é Jesus. Assim, “crer em” (ἐπίστευσαν εἰς **mais** o acusativo que segue) expressa-se, frequentemente, como a fé ou confiança depositada na pessoa de Jesus, refletindo o compromisso pleno e voluntário que um discípulo assume ao reconhecê-lo como o objeto de fé. Nestes casos, o crente está totalmente envolvido no objeto da fé, de tal modo que o objeto da crença se torna o sujeito determinante e orientador da pessoa e da vida do crente.

4. CONEXÃO LITÚRGICA

O Segundo Artigo do Credo Apostólico

O Segundo Artigo apresenta Jesus Cristo, o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, enviado para redimir o mundo.

O milagre em Caná manifesta claramente esta identidade divina, confirmada através da fé dos discípulos. Este sinal inicial prepara o caminho para os maiores atos de glória: sua morte e ressurreição, que cumprem sua missão redentora.

Os Sacramentos

Embora o milagre de Caná não seja diretamente um sacramento, ele aponta para elementos sacramentais, especialmente a ação de Deus através de meios comuns.

Assim como Jesus usou a água para realizar um milagre, no Batismo e na Santa Ceia ele age por meio de elementos simples (água, pão e vinho) para nos conceder seus dons espirituais (como fez com seus discípulos). O Catecismo Menor explica que no Batismo, Deus nos limpa do pecado e nos adota como filhos (Jo 3.5; Tt 3.5-7), e que na Santa Ceia, ele nos fortalece na fé, oferecendo perdão e comunhão com Cristo (1 Co 11.23 -26).

A Oração e a Intercessão

Maria, ao levar o problema da falta de vinho a Jesus, exemplifica o que o Catecismo ensina sobre a oração no Pai Nosso, especialmente nas petições “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” e “Seja feita a tua vontade”. Ela não exige, mas confia humildemente na ação divina, deixando o resultado nas mãos de Cristo (Jo 2.3-5). Isto reflete a confiança que devemos ter ao levar nossas petições a Deus e de que o Senhor pode suprir as mesmas, embora, assim o faça, sem a nossa prece.

5. PROPOSTA HOMILÉTICA [ESBOÇO]

A Manifestação do Filho de Deus!

a) ... prova que ele é Senhor sobre todas as coisas (v. 8);

- i) e que é um Deus atento às necessidades físicas e espirituais das pessoas.
- ii) mas que, ao mesmo tempo, confronta nossas mentes finitas.

b) ... leva pessoas a crerem em nele (v.11);

- i) Os sinais fazem algo além de simplesmente transmitir informações.
- ii) Um sinal, nos convida a responder de acordo, neste caso, com fé.
- iii) Crer em Jesus é a resposta apropriada para este sinal.
- iv) Como os primeiros discípulos, nós também somos convidados neste texto a testemunhar Jesus realizando este sinal milagroso — transformar água em vinho excelente — a crer nele e a experimentar a vida em seu nome.
- v) Crer nos sinais de Jesus é sinônimo de vida (Jo 3.16; Jo 6.48).

c) ... acontece ainda hoje, através dos dons que recebemos do Espírito Santo de Deus (1Co 12.1-11).

- i) Não vemos os sinais de Jesus como os discípulos viram, mas o mesmo se manifesta ainda hoje através dos dons que recebemos do Espírito Santo. Estes dons são dados para que outros venham a crer em Jesus.

Rev. Ramon Augusto Pedro

Maceió, AL